Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Narrativa de sofrimento midiatizada: análise da tragédia Yanomami[1]

Mediatized Suffering Narrative: An Analysis of the Yanomami Tragedy

Valter Davi

Palavras-chave: Narrativa de sofrimento; Midiatização; Caso midiatizado; Quarto narrador; Yanomami.

1 Introdução

O presente resumo discute e aprofunda em uma narrativa que é construída no sistema midiatizado e que tem o objetivo de retratar o sofrimento do *outro* gerado a partir de um determinado acontecimento real, ou seja, é uma narrativa jornalística que busca engajar uma ação urgente: aqui chamaremos de narrativa de sofrimento midiatizada. Para tanto, buscamos contextualizar o que tratamos como sofrimento, ou seja, que tipo de sentimento é esse que atravessa vidas de seres vivos e *como* ele é atravessado. Com isso, trouxemos o debate de visualizar a dor do outro, por Susan Sontag (2003), e o espectro de uma vida passível de luto, por Judith Butler (2023). As duas pesquisadoras se tornaram essenciais para compreender a dimensão ética, social e psicológica que é construído o sofrimento.

[1]Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais.

Para debater narrativas, utilizamos a construção da narrativa jornalística abordada por Luiz Gonzaga Motta (2013). Em Motta, nos é apresentado três tipos de narradores: primeiro, segundo e terceiro narrador. Para esta pesquisa, aprofundamos no quarto narrador (Soster, 2023), que se constitui em uma ambiência midiatizada, a sua voz narrativa se dá pelo sistema comunicacional que é construído ao redor dos fatos e das plataformas. A partir dos extratos narrativos, observamos o conjunto dos sentidos de sofrimento como um caso midiatizado.

Para que todo esse aparato conceitual seja aplicado, direcionamos o nosso olhar para a circulação da tragédia Yanomami divulgada em janeiro de 2023, em que foi denunciado a morte de 500 indígenas Yanomami, dentre eles, muitas crianças. Sendo assim, o nosso escopo foi a reportagem *'Não estamos conseguindo contar os corpos'*, do portal Sumaúma, e a reportagem audiovisual *Fome, desnutrição e contaminação por mercúrio: a tragédia Yanomami*, do programa Fantástico. Foi realizada uma transposição metodológica da análise pragmática da narrativa (Motta, 2013), com os debates de casos midiatizados (Weschenfelder, 2019), com o objetivo de entender a construção narrativa e os seus efeitos de sentidos sobre o sofrimento no sistema de midiatização. Vale destacar aqui, que esta pesquisa é um tentáculo do que vem sendo estudado no Grupo de Pesquisa sobre Midiatização e Narrativas (GREMINAS) e uma extensão da dissertação de mestrado da autoria deste artigo.

2 Para entender a narrativa de sofrimento

O professor e jornalista Luiz Gonzaga Motta abre o seu livro Análise Crítica da Narrativa (2013) batendo o martelo: o ser humano é feito de narrativas e narrar é dar sentido à vida. Os sentidos constroem as narrativas. É a partir desse ponto que o autor retoma os conceitos de relação de poder propostos por Michel Foucault, ao discorrer sobre essas dominações que envolvem a construção das narrativas. Motta argumenta que a

narrativa vai além dos sentidos interpretativos da mensagem, ela consegue construir moral, leis, crenças, e é a partir dessas construções e da confluência entre os indivíduos que o poder vai se instaurando e sendo cada vez mais perceptível. Percebe-se que as narrativas são produzidas com diferentes intuitos de minimizar alguns impactos ou acentuá-los, mas, por trás de cada enunciado, há a presença de poderes atuantes nesse reduto que faz a história se tornar mais atrativa, mesmo que no final a força recaia sobre alguém. Ou seja, neste momento, partimos da perspectiva de um narrador que escreve sobre o *outro*. O dispositivo em que está inserido, as formas organizacionais do seu trabalho e as suas subjetividades são delineadoras da sua prática jornalística, todas essas características atravessam, de alguma forma, a construção da narrativa sobre aquele que parece distante.

Para entender o estado de precariedade presente nas vidas humanas, Judith Butler (2023) destaca que o sofrimento faz parte da manutenção das condições sociais e políticas. Visto que o emaranhado de escolhas políticas e sociais fazem permanecer vidas precárias, vidas sem condições de existência, mas que seguem vivas para que possa existir a diferença entre uma vida vivível e uma vida esquecida. Essa manutenção de quem sofre, morre ou quem vive, também perpassa pelos discursos e narrativas que constroem o mundo.

Susan Sontag debate sobre a ânsia das pessoas de verem imagens de sofrimento, como se fosse "tão sôfrega quanto o desejo de [ver] imagens que mostram corpos nus" (2003, p. 33). Essa necessidade reconfigura os modos de enxergar os fatos. Como se a busca pelo extraordinário tomasse o protagonismo das narrativas e não o fato por si só levasse ao sentido de extraordinário. Sontag levanta um contraponto para esse murro em ponta de faca, afirmando que "tais imagens não podem ser mais do que um convite a prestar atenção, a refletir, aprender, examinar as racionalizações do sofrimento em massa propostas pelos poderes constituídos (2003, p. 93)". Fabiana Moraes (2023), ao observar imagens de felicidades, parte do ponto de que o sofrimento é a concretização da dor, e

por isso se tornou um estereótipo limitador na representação de pessoas, tornando-se necessário buscar insurgências decolonizadoras de representações.

Dessa forma, ao trabalhar com sofrimento, entende-se, previamente, que a vida em estado de precariedade está submetida nesse lugar de dor a partir da negação de poderes em enxergar a vida como uma vida passível de luto (Butler, 2023). A narrativa construída para relatar o sofrimento surge, em primeiro plano, pela vida precarizada, em seguida, por quem decide se tornar um mediador entre a testemunha e o consumidor, e, por último, em terceiro, por quem consome essa narrativa. Também é preciso olhar para quem narra esse sofrimento, aliás, é esse *ser* que constrói a dor do outro com palavras, ou imagens, e lança ao mundo. Motta (2013) apresenta três tipos de narradores: 1) primeiro narrador, é o dispositivo, ou seja, um jornal, site ou livro, por exemplo, mas mais que isso, esse narrador é constituído por vozes narrativas que não estão dentro da narrativa, mas, de certa maneira, influenciam no texto, exemplo de uma linha editorial que precisa ser seguida em uma redação; 2) segundo narrador, aquele que serve de ouvidos para os fatos e os reescreve, nesse caso o jornalista; e, por último, 3) terceiro narrador, aquele que participa dos acontecimentos e os narra para o segundo e/ou primeiro narrador, em outras palavras, é a fonte, o personagem, que relata ao jornalista.

3 Quando o sofrimento é midiatizado

A partir dos três extratos narrativos propostos por Motta, Demétrio Soster (2023) apresenta o quarto narrador, que se constitui em uma ambiência midiatizada. Quando nos três narradores anteriores nos deparamos com um conceito tipológico, aqui, no quarto narrador, é percebida a sua essência de caráter topológica. Deixa de ser um fenômeno para ocupar um lugar situacional, um sistema. A sua voz narrativa se dá pelo sistema comunicacional que é construído ao redor dos fatos e das plataformas, ou seja, o quarto

narrador é um sistema que "conversa" com os três extratos narrativos propostos por Motta (Soster, 2023).

É com essa perspectiva que esta pesquisa vai buscar analisar as formas que o sofrimento é circulado no meio midiatizado, dessa forma, midiatizando-se. É no entorno das mídias, que Niklas Luhmann (2009) vai elaborar a percepção de que a comunicação no ambiente midiático se dá por um sistema que ultrapassa os limites dos dispositivos para criar uma transformação e entrelaçamento com a sociedade (Martino, 2019). As narrativas que se emaranham nesse sistema passam por um processo de circulação (Braga, 2012; Fausto Neto, 2018) na ambiência midiatizada, que, para Antonio Fausto Neto, "se constitui de formas e operações sociotécnicas, organizando-se e funcionando com bases em dispositivos e operações constituídas de materialidades e imaterialidades" (2006). Dentro dessa ambiência, a narrativa de sofrimento pode ser vista como um caso midiatizado, ou seja, diversos atores, sejam eles institucionais ou não, operam nos processos midiáticos entre diferentes campos sociais, fazendo parte de um sistema de circulação de sentidos (Weschenfelder, 2019).

4 Metodologia

Utilizamos a reportagem *'Não estamos conseguindo contar os corpos'*, publicada em 20 de janeiro de 2023, no portal Sumaúma, a primeira a denunciar as mortes dos yanomami[2]; e a reportagem audiovisual *Fome, desnutrição e contaminação por mercúrio: a tragédia Yanomami*, veiculada em 29 de janeiro de 2023, no programa Fantástico. Duas reportagens sobre um mesmo assunto, dois veículos com propostas editoriais muito divergentes entre si e dois dispositivos diferentes.

[2] Poucas horas depois da publicação da reportagem, o então presidente Lula instaurou estado de emergência humanitária na TI Yanomami, seguindo em viagem, no dia seguinte, até o território.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Ao observar as reportagens através do quarto narrador, podemos perceber que o sistema comunicacional operou em mostrar uma tragédia de alto nível de urgência no Território Indígena (TI) Yanomami. A informação de que indígenas morreram e mais outros estavam doentes, ressoou por toda a cadeia comunicativa, passando pelos mais diferentes dispositivos.

A Sumaúma, um veículo jornalístico independente, já possui uma característica forte em humanizar as suas fontes e elaborar reportagens mais críticas. Na reportagem da nossa análise não foi diferente. Enquanto o Fantástico, programa do conglomerado Globo, ainda persiste em manter as características do jornalismo positivista, prezando por uma objetividade, neutralidade e imparcialidade que também carregam subjetividades (Moraes, 2022). Mas o que observamos nos dois casos são os indícios de "superação" dessas ferramentas enferrujadas do jornalismo, principalmente no programa televisivo, ou seja, nas matérias há uma forte presença das jornalistas e as suas relações com o acontecimento. Essa interação promove e acentua o grau de urgência que o TI Yanomami necessitava, a narrativa deixa de ser, até certo momento, construída a partir dos dispositivos e começa a aparecer a partir do sistema.

> Corpos de crianças e velhos, com peles que recobrem apenas os ossos, tão fragilizados que mal parecem se equilibrar. Costelas que parecem perfurar os corpos minúsculos contrastam com barrigas enormes, povoadas por vermes [...] Isso significa que 570 pequenos indígenas *poderiam* estar correndo, rindo e inventando brincadeiras, neste momento, se houvesse atendimento adequado de saúde ou ações de prevenção. *Não houve*. [...] Como o território sofreu um apagão estatístico durante o *governo de extrema direita*, é provável que a realidade seja ainda mais aterradora. *Este é o legado de Bolsonaro*. (Sumaúma, 2023, grifo nosso).

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)



Fonte: Fantástico (janeiro, 2023)

No caso da Sumaúma, as jornalistas mostram os seus imbricamentos dentro do acontecimento com afirmações e, até mesmo, suposições do que poderia ter acontecido de diferente. A reportagem escancara um outro olhar para as informações, contextualiza os fatos e os apresenta com seu tom crítico, culpabilizando os responsáveis pelas mortes e doenças. Já no Fantástico, em determinado momento da reportagem, a jornalista Sônia Bridi aparece carregando um bebê yanomami, ela usa um chapéu e uma roupa com mais tecidos que as outras pessoas em cena, seu rosto está borrado pela distância da câmera[3]. Ela quebra as barreiras de observadora para se colocar dentro dos acontecimentos. Em um tom de comoção figurando uma *deus ex machina*, a presença da repórter, que já possui uma longa trajetória na emissora, pôde acentuar ainda mais o grau de sentido de sofrimento enfrentado por aquela região.

5 Considerações finais

[3] Após dois anos da publicação da reportagem, a equipe do Fantástico voltou à TI Yanomami. Em um percurso de mostrar como o território está após a tragédia humanitária, Sônia Bridi dá mais detalhes sobre o acontecido, em uma de suas falas: "Com tantas crianças para levar ao posto, coube a mim carregar a menorzinha", ressaltando, mais uma vez, a sua atuação, agora com uma imagem mais centralizada. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Td_J0J2zWkA <acessado em 20/05/2026>

O sofrimento passa por diversas camadas. Sociais, políticas e culturais. Quem narra a dor do outro encara um ser humano que precisa de cuidados, que precisa ter a sua vida estabilizada novamente (ou tê-la pela primeira vez). O jornalismo, que possui um papel fundamental na construção da percepção da realidade, acompanha tragédias, catástrofes, genocídios e guerras desde a sua fundamentação. As suas narrativas são escolhas, escolhas que, muitas das vezes, combatem ou perpetuam as forças que propagam a manutenção do sofrimento.

Nesta pesquisa, buscamos mostrar indícios de uma narrativa de sofrimento, que entendemos como uma narrativa sobre a dor do outro e que tem o objetivo de convocar ações urgentes, sensibilizar e gerar comoção. Mas, também observamos que, no ambiente da midiatização, essa narrativa vai além do descritivo. O sofrimento, no caso do genocídio Yanomami, ultrapassou para outros dispositivos, entrou em um sistema comunicacional que atravessou os três extratos narrativos (Motta, 2013) e veiculou pelo quarto narrador (Soster, 2023). Ao colocar os próprios "construtores" da narrativa em cena, mostra que a tragédia se tornou mais que um acontecimento, ela entrou para dentro de um sistema midiatizado, fazendo com que os fatos se tornassem um caso midiatizado (Weschenfelder, 2019).

Referências

BRAGA, José Luiz. **Circuitos versus campos sociais**. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jader; JACKS, Nilda. Mediatização & midiatização. Salvador – Brasília: Edufba – Compós, 2012.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?**. Civilização brasileira, 2023.

FAUSTO NETO, Antônio. **Circulação**: trajetos conceituais. Rizoma, 6(2), 08-40, 2018. https://doi.org/10.17058/rzm.v6i2.13004

NETO, Antônio Fausto. **Midiatização, prática social-prática de sentido**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho "Políticas e Estratégias de Comunicação", do XV Encontro da Compós, na Unesp, Bauru, SP, em junho de, 2006.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Rumo a uma teoria da midiatização**: exercício conceitual e metodológico de sistematização. Intexto, p. 16-34, 2019.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate:** subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Arquipélago Editorial, 2022.

MORAES, Fabiana. **Negros na piscina**: as imagens de felicidade e insurgência como estratégias decoloniais. Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación, n. 152, p. 295-309, 2023.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Editora Companhia das Letras, 2003.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Quarto narrador, um conceito em movimento**. In: E-Compós. 2023.

WESCHENFELDER, Aline. **Manifestações da midiatização**-Transformação dos atores sociais em produção e recepção: O caso Camila Coelho. 2019.